

# DE NICCOLÒ PARA LORENZO CONSIDERAÇÕES ACERCA DA RELAÇÃO AUTOR-PRÍNCIPE

## FROM NICCOLÒ TO LORENZO REMARKS ON THE RELATIONSHIP BETWEEN AUHTOR AND PRINCE

DOUGLAS CARVALHO RIBEIRO<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é analisar a relação entre Maquiavel e Lorenzo de Medici, tendo em vista principalmente a obra *O Príncipe*. Tal análise se dará em três momentos. Primeiramente, examinar-se-á os vários elementos que caracterizam o contexto de concepção da obra, para, posteriormente, compreender como foi edificada a relação entre o autor e Lorenzo de Medici no seio da obra. Ao final, tentar-se-á demonstrar que Lorenzo seria um instrumento retórico para a afirmação da necessidade do saber político criado por Maquiavel com a própria concepção do livro. Tal interpretação, a nosso ver, conseguiria integrar as diversas partes do livro, ressaltando o aspecto retórico do pensamento maquiaveliano sem recorrer a uma imagem mítica do autor.

**Palavras-chaves:** Maquiavel; O Príncipe; Retórica.

**Abstract:** The present article aims to analyse the relationship between Machiavelli and Lorenzo de Medici, taking into consideration mainly *The Prince*. This examination will be developed in three different moments. First, it will be examined the various elements that characterize the context of *The Prince's* conception, and then, how it was built the relationship between the author and Lorenzo de Medici along the book. Finally, it will be tried to demonstrate that Lorenzo would be a rhetorical tool to affirm the necessity of political knowledge created by Machiavelli with the crea-

1 Bacharelado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: douglascarvalhoribeiro@gmail.com

tion of the book. Such an interpretation, in our view, could integrate the various parts of the book, stressing the rhetorical aspect of Machiavellian thought without resorting to a mythical image of the author.

**Key-words: Machiavelli; The Prince; Rhetoric.**

*“Ce n’est pas moi qui suis le fondateur de la doctrine dont on m’attribue la paternité ; c’est le coeur humain. Le Machiavélisme est antérieur à Machiavel”.*

Maurice Joly, in Dialogue aux enfers entre Machiavel et Montesquieu

## I. INTRODUÇÃO

Leo Strauss, em *Machiavelli’s Intention: “The Prince”*, assevera que a obra *O Príncipe* possui uma dupla natureza. Afirma ele que a generalidade e a particularidade se apresentam no texto de forma simultânea, uma vez que, apesar de endereçado para um príncipe específico – Lorenzo de Médici -, Maquiavel traz ao leitor diversas posições acerca de um saber sobre o poder, que é construído ao longo da obra e exemplificado por diversos personagens, tanto de seu contexto histórico contemporâneo ao autor quanto da antiguidade que ele revisita<sup>2</sup>. A tensão entre generalidade e particularidade pode ser traduzida, em termos atuais, para um debate acerca da cientificidade do livro – seria *O Príncipe* um livro científico ou não? Em um primeiro momento, quando se tem em vista os primeiros 25 capítulos do texto, o leitor seria tentado a responder tal questionamento de forma afirmativa; contudo, a tensão entre geral e particular é acirrada levando em consideração o último capítulo da obra – “Exortação a Tomar a Itália e Libertá-la das Mãos dos Bárbaros” -, onde o autor aconselha Lorenzo a reunificar a Itália, elevando-a ao patamar da outrora gloriosa Roma.

Dado esse contraste entre geral e específico *n’O Príncipe*, tentar-se-á aqui analisar a relação entre Maquiavel e Lorenzo, levando em consideração principalmente a Epístola Dedicatória e o Capítulo XXVI d’*O Príncipe* para, posteriormente, analisar a plausibilidade de uma interpretação integrativa da obra, i.e., uma interpretação que considere o texto

2 STRAUSS, Leo. “Machiavelli’s Intention: The Prince” in *The American Political Science Review*, Vol. 51, No. 1 (Mar., 1957), pp. 13-40.

maquiaveliano como um corpo harmônico. Contudo, antes de nos determos com relação autor-príncipe, vejamos primeiro como se caracteriza o contexto de concepção da obra.

## 2. MAQUIAVEL E SEU CONTEXTO

É indubitável a importância de Maquiavel para a tradição do pensamento político moderno - o intérprete que se aventura no texto maquiaveliano corre o risco, como afirma Raymond Aron<sup>3</sup>, de propor algo que não lhe pertença originalmente, visto ser a obra de Maquiavel constantemente revisitada. Contudo, acrescenta ele que a obra maquiaveliana muitas vezes aparece como uma Esfinge<sup>4</sup> – indecifrável mesmo depois de cinco séculos e milhares de intérpretes.

Acerca do legado maquiaveliano, Strauss assevera:

Ainda é necessário acrescentar que ao descrever *O Príncipe* como a obra de um revolucionário, nós utilizamos esse termo em um sentido preciso: um revolucionário é um homem que destrói todas as leis, o direito como um todo, a fim de substituir por algo novo, que ele acredita ser melhor do que as velhas leis<sup>5</sup>.

Maquiavel seria, na concepção de Strauss, um autor com um legado que se originou *ex nihilo*, visto que este romperia de forma veemente com toda a tradição ao esboçar um saber novo, ou melhor, um saber acerca de algo completamente desconhecido, construído ali mesmo onde as coordenadas sobre o novo são dadas. Tal afirmativa, contudo, não parece ser plausível quando se analisa os diversos elementos da tradição com os quais Maquiavel dialoga, principalmente ao longo d'*O príncipe*. Soma-se a isso o fato de que, ao compreender a obra de Maquiavel como totalmente inovadora, mantém-se a ideia de que a Esfinge seria a melhor alegoria no que diz respeito à possibilidade de compreensão do pensamento maquiaveliano.

Newton Bignotto parece nos oferecer uma chave para a compreensão acerca da composição dessa tradição. Afirma ele que Maquiavel

3 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 131.

4 Idem, op. cit., p.131.

5 STRAUSS, Leo. "Machiavelli's Intention: The Prince", op. cit., p. 20: "It is necessary also to add the remark that in describing The Prince as the work of a revolutionary we have used that term in the precise sense: a revolutionary is a man who breaks the law, the law as a whole, in order to replace it by a new law which he believes to be better than the old law"

dialoga com três grandes maciços: o humanismo cívico, o pensamento cristão e os clássicos da Antiguidade<sup>6</sup>.

Sobre o humanismo cívico, pode-se afirmar que Francesco Petrarca aparece como um ponto de inflexão na realidade político-cultural de Florença e, conseqüentemente, como pioneiro desse movimento. A novidade em Petrarca é o entrecruzamento entre antiguidade e contexto político florentino, o que leva o poeta a reconhecer, por exemplo, Cipião, o Africano, como exemplo de austeridade moral e política<sup>7</sup>. Apesar da forte influência do cristianismo no pensamento de Petrarca, esse reconhecimento demonstra uma tentativa de redignificação da *vida ativa* em relação à *vida contemplativa* – i.e., da vida moral não como vida solitária, mas como vida política<sup>8</sup>. Além de Petrarca, filiam-se ao humanismo cívico Coluccio Salutati, Matteo Palmieri e Leonardo Bruni, dentre outros. Em relação ao pensamento de Bruni, é possível afirmar que este nos oferece um indício importante na reconstrução do contexto que conforma a produção da obra de Maquiavel: a descrição de Maquiavel como um revolucionário não é plenamente sustentável. Acerca do projeto de Bruni, Helton Adverse afirma:

Bruni não faz outra coisa senão seguir o receituário humanista que prescreve a adoção de modelos antigos para pensar as questões do presente. E o que pensa Bruni? Ele pensa em uma cidade republicana, uma cidade cuja forma de governo deve encarnar a ideia de liberdade [...]. Contudo, as considerações de Bruni cairiam no vazio se seu projeto não fosse lastreado por uma firme ancoragem histórica: Florença é a herdeira de Roma<sup>9</sup>.

Não é possível afirmar que Maquiavel rompe de forma radical com humanismo cívico, visto que o tema relacionado à ação política é central na obra do autor d'*O Príncipe*; contudo, se não é possível afirmar que não há um rompimento radical com o humanismo cívico, por exemplo, o mesmo pode ser dito acerca de uma continuidade entre Maquiavel e os humanistas. Para Bruni, Florença é a herdeira de Roma; já para Maquiavel, ambas seriam distintas: enquanto Roma teve uma fundação livre, a cidade florentina presenciou uma fundação ligada à expansão de outro povo, i.e.,

---

6 BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel republicano*. São Paulo: Loyola, 1991, p.8.

7 ADVERSE, Helton. "A Matriz Italiana" in BIGNOTTO, Newton (Org). *Matrizes do Republicanismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 61.

8 Idem, *ibidem*, p. 57.

9 Idem, *ibidem*, p. 73.

uma fundação serva<sup>10</sup>. Entre a continuidade e uma ruptura radical, faz-se mister a busca de uma terceira via – aquela que indique uma ruptura ancorada na história.

Em relação ao cristianismo, pode-se afirmar que o rompimento de Maquiavel com a Escolástica é bem evidente no decorrer d’*O Príncipe*. Basta ver que Cesare Borgia, autor de diversas atrocidades<sup>11</sup>, foi eleito por Maquiavel para figurar como exemplo de um homem de *virtú*<sup>12</sup> ou então observar conselhos como “deves parecer clemente, fiel, humano, íntegro, religioso - e sê-lo, mas com a condição de estares com o ânimo disposto a, quando necessário, não o seres, de modo que possas e saibas como tornar-te o contrário<sup>13</sup>” para perceber que não há uma total consonância entre o pensamento escolástico e o maquiaveliano; contudo, a tese do diálogo - e não da total ruptura - se mantém também no âmbito do pensamento cristão. Tal afirmativa pode ser justificada pela forma textual que foi utilizada n’*O Príncipe: o espelho dos príncipes*. Este gênero literário - que remonta a Xenofonte<sup>14</sup> - era utilizado quando um autor desejava transmitir conselhos a um príncipe, para que este realizasse o seu governo em consonância com a virtude; entretanto, durante a Idade Média, a virtude se confundia com a cristandade, de modo que um governo virtuoso era aquele que agia segundo a moralidade cristã. O espelho dos príncipes foi associado, nesse sentido, aos valores da cristandade.

Como afirma Strauss, *O Príncipe* combina uma forma tradicional com um conteúdo novo<sup>15</sup>. Se por um lado, a forma utilizada por Maquiavel era a mesma utilizada pelos autores que desejavam aconselhar um príncipe a governar segundo a moralidade cristã, por outro, o conteúdo dos ensinamentos destoam totalmente daquilo apregoado pela Escolástica. Percebe-se que, mesmo em relação ao pensamento cristão, Maquiavel não efetua uma ruptura radical, corroborando com a tese de que o autor, apesar da novidade daquilo que é trazido por ele, não pode ser considerado como um personagem revolucionário, que rompe com toda a tradição de forma veemente – imagem essa que se situa no limiar do mítico.

10 MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp. 7-12.

11 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*, op. cit., p.

12 Idem, *ibidem*, p.28.

13 Idem, *ibidem*, p. 85.

14 STRAUSS, Leo. “Machiavelli’s Intention: The Prince”, op. cit., p.16.

15 Idem, *ibidem*, p.15.

Por fim, em relação aos clássicos da Antiguidade, é possível dizer que o intercâmbio entre o autor e os clássicos é algo facilmente perceptível por meio dos exemplos dados ao longo da obra. Aqui também é possível perceber a plausibilidade da tese do diálogo: se por um lado Maquiavel revisita a Antiguidade, a fim de melhor construir aquilo que o autor se propõe – i.e., um saber acerca do poder –, não é possível afirmar, em contrapartida, que há uma linearidade entre o pensador florentino e os clássicos da Antiguidade. Como exemplo, tem-se a primeira frase do Capítulo I d’*O Príncipe*. Ao afirmar que “todos os estados, todos os domínios que tiveram e têm poder sobre os homens foram e são ou repúblicas ou principados<sup>16</sup>”, percebe-se claramente um rompimento com o ideal da Constituição Mista, presente, principalmente, no pensamento do historiador romano Políbio. Acerca desta forma de organização política, também conhecida como *patrios politeia*, Marcelo Cattoni Andrade de Oliveira assevera:

Frente à necessidade de formular uma constituição cuja origem não era violenta, emerge o mito da *patrios politeia*, a constituição dos antepassados. Esta não possuía um início marcado no tempo histórico nem era fruto de violência e unilateralidade. Ao contrário, havia sido consolidada progressiva e lentamente, caracterizando-se como compositiva e plural. Referida a um passado imemorial, a *patrios politeia*, equilibrava numa mesma estrutura social os componentes monárquico, aristocrático e democrático, gozando de estabilidade e duração. Mais importante do que ser antiga, a constituição dos antigos trazia em si a virtude de ser uma constituição mista, sendo essa forma de governo ideal que se procurava reconstruir<sup>17</sup>.

Dado o contexto que conforma a produção da obra, vejamos agora, de forma mais detida, como é construída a relação entre Maquiavel e o Duque de Urbino no seio d’*O Príncipe*.

### 3. AO MAGNÍFICO LORENZO DE MEDICI...

Em carta ao amigo Francesco Vettori, Maquiavel anuncia a concepção de um opúsculo – *De principatibus* –, fruto de várias horas de conversação com os antigos:

No cair da noite, eu retorno para a minha casa e entro no meu escritório; e na porta, eu tiro as roupas usadas durante o dia, sujas e cobertas de poeira e coloco vestes reais e curiais; e, vestido de forma apropriada, eu

---

16 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*, op. cit., p.3.

17 OLIVEIRA, Marcelo Andrade Cattoni de. *Teoria da Constituição*. 1º ed., Belo Horizonte: Initia Via, 2012, p. 84.

entro nas cortes anciãs dos homens antigos, onde, recebido com atenção, me alimento com aquela comida que é só minha e que me era destinada desde o nascimento, onde eu não me sinto envergonhado de falar com eles e questionar acerca da razão de seus atos; e eles, com sua cordialidade, me respondem; e depois de quatro horas ali, eu não me sinto entediado, eu esqueço todos os problemas, eu não me preocupo com a pobreza, eu não temo a morte; eu me entrego inteiramente a eles. E uma vez que Dante afirma que não se produz conhecimento quando se ouve mas não se lembra, eu anotei tudo que me era vantajoso na conversa com eles e produzi um pequeno livro *De principatibus*, onde eu vou o mais profundo que eu consigo acerca das considerações sobre essa temática, debatendo o que é um principado, de quantos tipos são, como eles são ganhos, como são mantidos, como são perdidos. E se você gosta de alguma de minhas fantasias, garanto que essa não vai te decepcionar; e para um príncipe, especialmente um príncipe novo, ela deve ser bem-vinda. Por isso, eu estou dedicando a obra ao magnífico Guiliano<sup>18</sup>.

O Autor florentino anuncia ao seu amigo, portanto, que compôs uma obra acerca dos principados. Essa obra abrangeria quatro temas principais e seria dedicada Guiliano, filho de Lorenzo, o magnífico. A obra acerca dos principados foi nomeada *O Príncipe* e foi dedicada a outra pessoa: quando o cardeal Giovanni de Médici subiu ao trono pontifício, Guiliano partiu para Roma, a fim de assumir o posto de *gonfaloniere* de Igreja, de modo que foi Lorenzo de Médici que assumiu o comando de Florença<sup>19</sup>. A cidade, que presenciou um crescimento exorbitante da atividade cívica e um debate profundo acerca das liberdades públicas entre 1494 e 1512<sup>20</sup>, voltava a ser dominada por um Médici.

Ainda na mesma carta endereçada a seu amigo Vettori, Maquiavel afirma que presenteará um dos Médicis para que estes se convença de

18 GILBERT, Allan (ed). *The letters of Machiavelli*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988, pp- 142-143: "On the coming of evening, I .return to my house and enter my study; and at the door I take off the day's clothing, covered *with* mud and dust, and put on garments regal and courtly; and reclathed appropriately, I enter the ancient courts of ancient men, where, received by them with affection, I feed on that food which only is mine and which I was born for, where I am not ashamed to speak with them and to ask them the reason for their actions; and they in their kindness answer me; and for four hours of time I do not feel boredom, I forget every trouble, I do not dread poverty, I am not frightened by death; entirely I give myself over to them. And because Dante says it does not produce knowledge when we hear but do not remember, I have noted everything in their conversation which has profited me and have composed a little work *On Princedoms*, where I go as deeply as I can into considerations on this subject, debating what a princedom is, of what kinds they are, how they are gained, how they are kept, why they are lost. And if ever you can find any of my fantasies pleasing, this one should not displease you; and by a prince, and especially by a new prince, it ought to be welcomed. Hence I am dedicating it to His Magnificence Giuliano".

19 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*, op. cit., p.182.

20 ADVERSE, Helton. "A Matriz Italiana", op. cit., p.96.

que ele poderia ser útil nos afazeres estatais ou de que Maquiavel, dado sua ligação com o regime republicano florentino de outrora, não representaria uma ameaça aos que agora ocupavam o poder em Florença<sup>21</sup>.

Pois bem, o livro foi concebido e como título da Epístola Dedicatória lê-se *Ao Magnífico Lorenzo de Medici*<sup>22</sup>. Alguns pontos devem ser destacados em relação à Epístola. Primeiramente, percebe-se que, confirmando o que foi falado com Vettori, Maquiavel compreende a composição do livro como um presente a Lorenzo, visto que, afirma ele, para as pessoas que desejam conquistar a graça de um príncipe é comum o envio daquilo que possuem de melhor<sup>23</sup>. E o que Maquiavel possui de melhor para oferecer a Lorenzo e conquistar a sua graça? Ele responde logo em seguida: Desejando, portanto, oferecer a Vossa Magnificência algum testemunho de minha devoção, não encontrei entre minhas posses coisa alguma que considerasse mais valiosa ou que mais estimasse do que o conhecimento das ações dos grandes homens, que aprendi através de uma longa experiência das coisas modernas e um contínuo estudo das antigas. Tendo-as eu examinado longamente, com grande diligência e agora ponderado, e reduzido a um pequeno volume, envio-as a Vossa Magnificência<sup>24</sup>.

É o conhecimento acerca das ações dos grandes homens, adquirido por meio da experiência das coisas modernas e pelo estudo dos clássicos da Antiguidade, que constitui o ponto central d'*O Príncipe*. Além disso, o Autor afirma que tal análise possui como pressuposto o fato de que ele se associa ao povo, uma vez que, comparando o lugar do poder a uma montanha, é necessário se colocar na planície para melhor conceber o morro em sua totalidade<sup>25</sup>. O príncipe, por se situar já no alto, só pode conhecer de forma plena a planície, i.e., algo acerca da natureza daqueles menos privilegiados do espectro social. É interessante ressaltar que, segundo Maquiavel, a diferença entre príncipe e autor é bastante tênue – é graças à fortuna que Lorenzo estaria na montanha e Maquiavel na planície.

Acerca do conceito de fortuna, devemos aqui apenas fazer algumas colocações para uma melhor compreensão do final da epístola. No pensamento maquiaveliano, a fortuna é acompanhada recorrentemente por outro conceito – a *virtú*. Segundo Adverse, ela está relacionada a uma habilidade que comporta dois aspectos: um moral – coragem, força, dis-

---

21 GILBERT, Allan (ed). *The letters of Machiavelli*, op. cit., p. 144.

22 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*, op. cit., p.129.

23 Idem, *ibidem*, p.129.

24 Idem, *ibidem*, p.129.

25 Idem, *ibidem*, p.130.

posição, audácia – e outro cognitivo – prudência, conhecimento técnico, perspicácia<sup>26</sup>. Já em relação à fortuna, pode-se afirmar que este conceito representa aquilo que escapa a previsibilidade dos homens. Maquiavel era sim um homem de *virtú* no que diz respeito aos afazeres do Estado – como ele mesmo afirma ao amigo Vettori, foram quinze anos de estudos incessantes<sup>27</sup>; contudo, a fortuna o colocara como mero fazendeiro em San Casciano dei Bagni. Em relação a Lorenzo, percebe-se o contrário: ele foi agraciado pela fortuna, visto que sua ascensão ao poder se deu mais por acidente do que pela *virtú*, como visto anteriormente. Entretanto, pelo fato de se situar já no alto da montanha, o Duque de Urbino não possui o conhecimento necessário sobre a natureza e os afazeres relacionados ao principado – falta-lhe a *virtú*. Príncipe e autor são, portanto, separados por um mero detalhe, por mera contingência que demonstra a impotência do homem face ao natural – a fortuna, longe de representar os desígnios de um Deus onipotente, é tão comum quanto à cheia de um rio<sup>28</sup>.

#### 4. EXORTAÇÃO A QUEM?

O conteúdo exposto do livro poderia ser dividido, segundo Leo Strauss, em quatro grandes grupos: 1) os vários tipos de principados (capítulos 1-11); 2) o príncipe e seus inimigos (capítulos 12-14); 3) o príncipe e seus súditos e amigos (capítulos 15-23) e 4) acerca de virtú e da fortuna (capítulos 24-26)<sup>29</sup>. Como dito anteriormente, o esforço de Strauss se relaciona à tentativa de conceber uma argumentação científica à obra *O príncipe* e tal esforço passa por uma interpretação integrativa – i.e., considerar que o opúsculo de Maquiavel tem um sentido e que aquilo afirmado no último capítulo é justificado pelo restante do conteúdo. Deve-se ressaltar aqui que, do capítulo I ao XXV, o leitor se depara com proposições que, ao mesmo tempo em que se destinam a Lorenzo – como visto na Epístola Dedicatória –, possuem também uma pretensão de universalidade – ou seja, o autor pretende que aquele saber sobre a ação política seja válido não só para Lorenzo e seu contexto, mas para qualquer tempo e príncipe. Isso levou Strauss a afirmar, como já dito, que o príncipe se lança ao particular e ao universal, e que uma tentativa de interpretação científica do livro é

26 ADVERSE, Helton. “A Matriz Italiana”, op. cit., p.104.

27 GILBERT, Allan (ed). *The letters of Machiavelli*, op. cit., p. 144.

28 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*, op. cit., p.120.

29 STRAUSS, Leo. “Machiavelli’s Intention: The Prince”, op. cit., pp. 13-14.

uma empreitada hermenêutica que teria como escopo uma harmonização entre as duas perspectivas.

É no capítulo XXVI que reside a dificuldade de elaboração de tal interpretação integrativa. Se nos capítulos anteriores o leitor se depara com proposições que se lançam ao particular e ao universal, no último capítulo tem-se uma guinada ao particular – Maquiavel exorta Lorenzo a tomar a Itália e libertá-la das mãos dos bárbaros:

Considerando todas as coisas ditas acima e refletindo eu mesmo se o momento atual da Itália é propício a um príncipe novo, isto é, se existe matéria que justifique que um príncipe prudente e valoroso lhe dê forma, trazendo-lhe glória pessoal e benefícios para todos os homens do país, parece-me que ora convergem tantas coisas em favor de um príncipe novo, que eu não vejo ocasião mais propícia para isso<sup>30</sup>.

Segue-se a isso uma comparação entre a situação da Itália e o contexto daqueles que, no capítulo VI, Maquiavel chama de profetas: Moisés, Ciro, Rômulo e Teseu<sup>31</sup>. Segundo o Autor, estes seriam os que conseguiram conjugar da melhor forma possível a *virtú* com a fortuna – em uma ocasião extremamente desfavorável, eles trouxeram “a honra e a felicidade a suas pátrias<sup>32</sup>”. Mais do que isso: os ditos profetas fundaram um corpo político novo a partir de sua própria *virtú*, o que significa que são as ações deles que devem ser imitadas pelos príncipes comuns, como Lorenzo. Essa necessidade de imitação da ação dos grandes homens é exposta pelo autor em sua Epístola Dedicatória: se Lorenzo fosse como Moisés, Ciro, Rômulo e Teseu, os ensinamentos de Maquiavel não se justificariam, pois os ditos profetas agiam não imitando as ações de outros homens, mas conforme a sua própria *virtú*. Tem-se, portanto, uma contradição: seria Lorenzo um profeta ou um príncipe comum? Ou, remodelando a pergunta, quem libertaria a Itália das mãos dos bárbaros e, conseqüentemente, criaria o corpo político italiano?

Strauss, ao analisar quem seria o responsável pela reunificação da Itália, assevera:

Mas é claro que o inventor ou inovador, nesses termos, seria Maquiavel e não Lorenzo. A profecia obscura do malogro de Lorenzo, caso esse tente liberar a Itália, pode ser, nesse sentido, reformulado da seguinte maneira:

---

30 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*, op. cit., p.123.

31 Idem, *ibidem*, p.24.

32 Idem, *ibidem*, p.25.

somente um gênio de extrema virtú pode obter êxito na tentativa de libertar a Itália; mas Lorenzo não possui essa forma extrema de virtú. Caso isso ocorresse, ele dependeria mais da fortuna [do que da sua própria *virtú*]<sup>33</sup>.

Segundo Strauss, *O Príncipe* seria a obra de um revolucionário, i.e., de um homem que rompe com tudo aquilo imposto pela tradição, a fim de trazer algo totalmente novo. Já afirmamos anteriormente a fragilidade de tal tese e, como é possível perceber, a conclusão de Strauss repousa justamente nela. Maquiavel seria um profeta<sup>34</sup>, assim como Moisés, Ciro, Teseu e Rômulo. E uma vez que, como consta na Epístola Dedicatória, o Autor expressa um desejo de se colocar à disposição de Lorenzo, o último capítulo nada mais seria do que uma profecia: caso Maquiavel chegasse ao poder, seria ele capaz de reunificar a Itália, baseando-se naquele saber construído ao longo da obra<sup>35</sup>.

Em nome do científico, portanto, concebe-se algo próximo do mítico – o que seria de certo modo contraditório. É possível pensar que a intenção de Strauss é justamente demonstrar que não há intenção científica em *O Príncipe*; contudo, isso seria interpretar o Autor da pior maneira possível – a sua única contribuição seria demonstrar que tudo aquilo que ele falou não é plausível. Mas nos parece que Strauss comete um equívoco, que, de certo modo, facilitaria uma interpretação integrativa da obra: ele se esquece de destacar a importância da retórica no pensamento maquiaveliano.

Por retórica, pode-se entender, seguindo os humanistas, um repertório de meios de persuasão que variam desde os usos figurados da linguagem até o método formal de organização do texto<sup>36</sup>. Victoria Ann Kahn assevera que Maquiavel herdou destes o instrumento da retórica como inerente à recuperação da cidade como âmbito de realização de uma vida moral; contudo, tal herança não deixa de vir acompanhada com uma ruptura:

33 STRAUSS, Leo. “Machiavelli’s Intention: The Prince”, op. cit., p.29: “But it is clear that the innovator or the inventor in these matters would be Machiavelli, not Lorenzo. The cryptic prediction of Lorenzo’s failure in case he should make the attempt to liberate Italy, can therefore be restated as follows: only a man of genius, of supreme virtue, could possibly succeed in liberating Italy; but Lorenzo lacks the highest form of virtue. This being the case, he is compelled to rely too much on chance”.

34 Idem, *ibidem*, p. 39.

35 Idem, *ibidem*, p. 39.

36 KAHN, Victoria Ann. *Machiavellian Rhetoric: From the Counter Reformation to Milton*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p.5.

Ao associar a virtú à faculdade de argumentar no âmbito de uma moral prática e de ação que não seja constrangida por normas éticas, Maquiavel busca que a retórica e a prudência gerem um novo conjunto de prioridades no âmbito da política. Contudo, ao levar mais a sério do que os próprios humanistas as possibilidades generativas de uma concepção prática de retórica, Maquiavel parece realizar os maiores temores dos humanistas no que diz respeito a uma concepção técnica ou instrumental de retórica: a sua indeterminação ética se liga ao seu sucesso, seu uso em prol da força e da fraude, violência e confusão interpretativa<sup>37</sup>.

Parece-nos que uma interpretação integrativa do texto somente é plausível quando se considera que Maquiavel se utiliza da ironia – um recurso retórico –, que, de certo modo, conceberia certa harmonia entre universal e particular no seio d’*O Príncipe*. Como ironia pode-se considerar a tentativa de falar “A” ao se falar “B”, dando subsídios ao interlocutor para que este entenda que o que se falou como “B” deveria ser entendido como “A”. A exortação de Maquiavel para que Lorenzo reunifique a Itália soa como ironia e tal afirmativa pode ser exemplificada com a seguinte passagem:

Além disso, aqui se vêem maravilhas sem igual mandadas por Deus: o mar se abriu, uma nuvem revelou-vos o caminho, a pedra jorrou água, aqui choveu o maná, e todas as coisas se reuniram para a vossa grandeza. O resto cabe a vós cumprir. Deus não quer fazer tudo, para não nos tolher o livre-arbítrio e a parte de glória que nos cabe<sup>38</sup>.

O que o autor nos indica ao longo da obra é justamente o contrário: se, com Cesare Borgia, poderia se pensar em uma Itália novamente reunificada sob a égide de um único príncipe, o que realmente ocorreu foi a ruína de tal projeto por capricho da fortuna. Além disso, longe de ser uma maravilha mandada por Deus, o poder temporal da Igreja continuava forte naquele contexto, constituindo um verdadeiro entrave para uma possível reunificação da Itália<sup>39</sup>. Lorenzo pode, sim, ser apenas um artifício retórico por meio do qual Maquiavel deseja trazer a lume outra coisa, mas não nos

---

37 Idem, *ibidem*, p. 9: “Kahn In making of *virtù* a faculty of practical reasoning and action that is not constrained by ethical norms, Machiavelli attempted to make rhetoric and prudential deliberation generate a new set of priorities in the domain of politics. Yet, in taking the generative possibilities of a practical conception of rhetoric more seriously than did the humanists themselves, Machiavelli paradoxically appeared to realize the humanists’ worst fears about a technical or instrumental conception of rhetoric: its ethical indeterminacy, its concern with success, its use for the purpose of force and fraud, violence and misrepresentation”.

38 MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*, op. cit., p. 124.

39 STRAUSS, Leo. “Machiavelli’s Intention: The Prince”, op. cit., p. 25.

parece que é plausível uma interpretação que considere o autor florentino como o próprio príncipe que unificará a Itália – como faz Strauss. Parece-nos uma melhor interpretação remeter o último capítulo d’*O Príncipe* ao momento de fundação de um corpo político e à necessidade de eliminação de toda forma política que vigore nessa Itália desfrAGMENTADA.

No Capítulo V – “De que Modo se Devem Governar as Cidades ou Principados que, antes de Serem Ocupados, Viviam sob suas Próprias Leis” – Maquiavel afirma que um dos modos de conquistar um Estado acostumado a viver sob a liberdade é destruí-lo. A destruição de um Estado enquanto estrutura política concreta não se dá somente com a aniquilação da população que nele reside, mas também com a destruição daquilo que suporta institucional e simbolicamente a sua estrutura. Reunificar a Itália novamente é, de certo modo, conquistar os seus diversos Estados acostumados a viver sob suas próprias leis – é destruí-los, a fim de se atingir a glória outrora de Roma. A destruição a fim de reunificar, ou melhor, a destruição a fim de criar uma Itália nova significaria também o fim de um saber político que imperava naqueles Estados. Aquele que deseja reunificar a Itália deve utilizar o saber acerca da ação política trazido a lume por Maquiavel. É esse o legado que o autor florentino deixa àquele que pretende se lançar em tal empreitada – o Duque de Urbino seria um instrumento retórico para a afirmação da necessidade do saber político criado por Maquiavel ali mesmo n’*O Príncipe*. Tal interpretação, a nosso ver, conseguiria integrar as diversas partes do livro, sem recorrer ao mítico e ressaltando o aspecto retórico do pensamento maquiaveliano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADVERSE, Helton. “A Matriz Italiana” in BIGNOTTO, Newton (Org). *Matrizes do Republicanismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel republicano*. São Paulo: Loyola, 1991.
- GILBERT, Allan (ed). *The letters of Machiavelli*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- KAHN, Victoria Ann. *Machiavellian Rhetoric: From the Counter Reformation to Milton*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Marcelo Andrade Cattoni de. *Teoria da Constituição*. 1ª ed., Belo Horizonte: Initia Via, 2012.

STRAUSS, Leo. "Machiavelli's Intention: The Prince" in *The American Political Science Review*, Vol. 51, No. 1 (Mar., 1957), pp. 13-40.

RECEBIDO EM: 08/10/2014

APROVADO EM: 15/03/2015